

+museu

Boletim do Museu Municipal de Palmela | n.º17 - maio 2016

Editorial

É maio dos Museus, este ano dedicado às Paisagens Culturais. Nesta temática, o nosso concelho merece particular destaque, dada a importância que as paisagens rural e urbana têm no nosso quotidiano.

Da majestade da paisagem que se vislumbra do morro - geologicamente conhecido como *Escama de Palmela* e sobre o qual se ergue o castelo -, às vinhas, pastagens, montado, serras e estuários, que enquadram o nosso território, muitos são os motivos patrimoniais que temos para estudo e visitação. As viagens que o caminho-de-ferro nos proporciona, desde que em meados do século XIX nos passou a ligar com muitos pontos do país - tendo como entroncamento a vila de Pinhal Novo -, marcam também o território. Natureza e Técnica coexistem e, se responsabilmente geridas, criam paisagens culturais ímpares para disfrutarmos quer no quotidiano, quer em momentos de lazer. A paisagem cultural, que é alvo permanente de estudo, reflexão, (re) criação, permite-nos desfrutar, partilhando, do que nos rodeia e sonhar com herança saudável a deixar às novas gerações.

Com um período de interregno, na edição em papel, deste boletim - muito procurado neste hiato, facto que nos orgulhamos de registar -, reativamos este ano a edição com números em maio e novembro. Esta possibilidade surge devido a um apoio, no âmbito do programa Mecenias de Palmela, que em boa altura criámos, e que nos tem permitido envolver diversas empresas no apoio à Cultura e a outras áreas da atividade municipal.

Diversos artigos aguardavam publicação em papel, razão pela qual este número devolve à comunidade trabalhos que sintetizam a investigação e parte da ação arqueológica dos últimos anos, em particular no centro histórico de Palmela. O centro histórico da sede de concelho é alvo de uma reflexão, sobre a sua dinâmica nos últimos anos, que preocupa todos os agentes no território e, como tal, também quem no Museu trabalha. Não publicámos o boletim, mas não estivemos parados no que se refere ao contacto com os nossos públicos: o **+museu notícias** marca cada mês, criámos uma página numa das redes sociais mais procuradas, e divulgamos este mês o logótipo do Museu Municipal.

Neste boletim, criamos uma nova rubrica dedicada ao Serviço Educativo do Museu - nela destacamos um projeto do Agrupamento de Escolas José Saramago (Poceirão-Marateca) -, o nosso voluntário António Lameira faz o balanço de 8 anos de atividade, divulgamos os *sites* nos quais podem encontrar o nosso Património Cultural e muitos circuitos de visitação, bem como novas publicações. Ainda lugar para destacar a descoberta de património técnico das nossas casas vitivinícolas, neste caso da Xavier Santana, que é um exemplo de trabalho de investigação e parceria entre o Museu e os agentes económicos que marcam a nossa paisagem cultural.

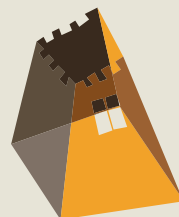
Deixamos aqui razões para nos visitarem, para se interessarem pela nossa paisagem e atividade museológica.

Visitem-nos e usufruam da História, da Gastronomia, da Paisagem Cultural em que vivemos e que diariamente construímos!

O Presidente da Câmara

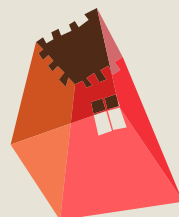


Álvaro Manuel Balseiro Amaro



MUSEU
MUNICIPAL
PALMELA

Logótipo do Museu
Municipal de Palmela



SERVIÇO
EDUCATIVO
Museu Municipal de Palmela

Versão para o Serviço
Educativo do Museu

Criação de Filipa Moura.
Uma interpretação da torre
de menagem do castelo
de Palmela, que permite
vários ângulos e matizes
de leitura.

Em investigação

Centro Histórico de Palmela: a imaterialidade da matéria

Quando falamos de requalificação de Centros Históricos, visualizamos a matéria que o constitui como se o lugar estivesse apenas firmado no conjunto edificado que o compõe.

Não obstante, as pessoas, a história, as estórias, os percursos traçados, os modos de apropriação do espaço fazem parte da orgânica do lugar e correspondem ao intangível que lhe dá sustento. É o elemento que respira, que sente e deseja. É a imaterialidade da matéria, e por isso dela indissociável.

É a partir deste pressuposto que abordamos o Centro Histórico de Palmela (doravante designado por CH de Palmela), assumindo-o como uma unidade que integra não só o edificado, como também o imaterial que lhe está subjacente. O Património Cultural Imaterial sustenta e fundamenta conhecimentos, tradições, práticas sociais, relações de vizinhança que dão corpo a este objeto de estudo e que, defendemos, deve ser tido em conta em projetos de requalificação, sustentados e integrados.

A vila de Palmela foi-se reconfigurando ao longo dos séculos, apresentando-se hoje como um lugar único, indiviso, perfeitamente delimitado dadas as características do edificado e dos arruamentos. A Avenida Gago Coutinho e Sacadura Cabral, direita e espaçosa, surge-nos como elo de passagem entre o casco antigo e os novos prédios que nasceram na segunda metade do século passado. O Largo de S. João, ao fundo, parece ter vindo a assumir na perfeição este papel de espaço de transição entre o velho e o novo.



Largo de S. João, Palmela
Foto: Paulo Nobre. 2012

Socorrendo-nos dos mais recentes dados do Relatório do Questionário aos Residentes do Centro Histórico de Palmela¹ (Palmela, 2011), caracterizamos demograficamente o lugar.

A população residente* apresenta uma distribuição equilibrada, quer em termos de género quer de idade [(média de 51 anos, apesar de se manter a prevalência das mulheres (54,8%) e das pessoas mais velhas (37% com 65 ou mais anos)], sendo a maioria natural do concelho (55,6%). (Palmela, 2011: 6)

Predominam os agregados com um e dois elementos: 29,6% e 43,2%, respetivamente. A média de idades dos agregados familiares varia na razão inversa do número de elementos que os compõem, o que se justifica pelo facto dos pequenos agregados serem compostos tipicamente por casais de idosos ou por idosos isolados, não raras vezes viúvos/as (idem: 8). O CH de Palmela, a par do que acontece na maior parte do país, apresenta uma população envelhecida (101 crianças com idade inferior a 15 anos, em contrapartida 400 pessoas com idade superior a 65 anos).²

Outro dado relevante fornecido pelo mesmo Relatório, corresponde à caracterização do estado do edificado a partir das respostas dadas pelos residentes. Os alojamentos dos inquiridos repartem-se quase igualmente entre habitações próprias (48,3%) e arrendadas (49,3%). Quanto às casas próprias, cerca de metade foram objeto de aquisição, tendo as restantes sido transmitidas por herança (44,8%) ou por doação (2%). Estes dados revelam alguma estabilidade da propriedade e atestam a importância das estruturas familiares na sua transmissão. (ibidem: 10)

Nas habitações arrendadas, sobressai o peso das rendas muito baixas e o baixo nível de rentabilidade, o que leva a que muitos senhorios se demitam de realizar as necessárias obras de conservação, explicando em boa medida o estado de degradação do parque habitacional mais antigo.

Quanto ao tempo de residência, a maioria (57,6%) declarou viver na atual habitação há mais de 20 anos, o que denota um forte enraizamento da população (ibidem).

Relativamente às condições de habitabilidade, e no que concerne ao número de divisões, as casas com três e quatro divisões representam 68,9% da amostra, tendo ainda algum significado as habitações com duas (11,8%) e cinco (8,9%) divisões. (ibidem:13)

É possível ainda encontrar, mesmo que residualmente, algumas casas sem retrete (4,8%), esquentador (3,6%), máquina de lavar roupa (3,2%) e banho ou duche (2,8%). (ibidem: 12)

¹ O Questionário aos Residentes do Centro Histórico de Palmela (Novembro de 2011) teve como objetivo conhecer as condições socioeconómicas dos residentes e os seus níveis de satisfação residencial. Foram aplicados 507 questionários.

*População residente na área do Núcleo Histórico (definida no PGU de Palmela, publicado em D.R. de 19.12.89, mantida no PDM aprovado pela Resolução de Conselho de Ministros n.º 115/97 de 9 de Julho): 1.119 habitantes (INE, Censos 2011).

² «Fenómeno do duplo envelhecimento da população, caracterizado pelo aumento da população idosa e pela redução da população jovem, agravou-se na última década.» In Censos – Resultados Provisórios: www.ine.pt [Consul. 11 maio, 2012]

A conclusão deste relatório é clara: «Os resultados apurados indiciam que as tendências para a diminuição e envelhecimento da população se mantêm. A existência de um elevado número de fogos vagos e a degradação do edificado continuam a caracterizar o Centro Histórico, que continua a ser pouco atractivo, quer para a fixação de novos residentes, quer para o estabelecimento de actividades económicas, pelo que se torna urgente reavaliar a eficácia dos incentivos para a reabilitação urbana actualmente existentes.» (ibidem: 32)



CH de Palmela, 2010

O relatório vem confirmar que o CH de Palmela necessita de uma intervenção integrada que permita a sua progressiva recuperação e dinamização. As autarquias de Palmela, ao longo dos tempos, têm vindo a agir nesta direção, embora seja evidente que estas ações e projetos, pontualmente muito interessantes, não têm sido suficientes para dar novo fôlego ao lugar de forma prevalente e integrada.

A Câmara Municipal, por meio de uma estratégia concertada, foi arrendando prédios no casco antigo onde instalou serviços camarários, o que resultou num crescente dinamismo durante o dia. Todavia, a situação financeira atual é razão da impossibilidade de suportar o pagamento de rendas, a maior parte das vezes de valores exorbitantes dado ser uma entidade pública e, por esse motivo, sujeita a valores inflacionados por parte dos proprietários. Neste momento, vários serviços têm sido deslocados para outros locais no exterior da freguesia de Palmela, ou reagrupados em espaços já existentes.

Não obstante a crise financeira, nos últimos anos houve um forte investimento financeiro por parte da Câmara Municipal de Palmela, por meio da candidatura apresentada ao QREN – Recuperação e Dinamização do Centro Histórico de Palmela, com início em 2009 e término em 2012. Produto de inúmeras parcerias locais, resultou num conjunto de 40 operações cujos objetivos estratégicos foram, entre outros: revitalizar o tecido socioeconómico

e a cultura local; recuperar o património edificado redefinindo a funcionalidade dos edifícios e dos espaços públicos; fixar a população reforçando a atratividade residencial; fortalecer a identidade local e o sentimento de pertença; tornar o centro histórico um polo de atração turístico a nível internacional.

O serviço de Património Cultural, da Divisão de Cultura, Desporto e Juventude, teve responsabilidade em várias ações na candidatura, especificamente por meio do serviço de Arqueologia e do Museu Municipal. Para além do acompanhamento arqueológico das diversas obras em curso e da requalificação das galerias do castelo que acolhem, desde 1996, a exposição permanente de arqueologia, o Museu Municipal desenvolveu o projeto «*Patrimónios – Centro Histórico de Palmela*» (operação 23 da candidatura).

Este projeto, transdisciplinar, abarcou um conjunto de investigações de campos científicos distintos, com o objetivo de conhecer e compreender a realidade traduzida pelo edificado; a toponímia das ruas; os vestígios arqueológicos; o comércio que existe ou que deixa, lentamente, de existir; as pessoas que habitam o lugar. Os que deixaram de o habitar.

Resultou num conjunto de ações, de entre as quais a exposição com o mesmo nome, patente na igreja de Santiago do castelo entre novembro de 2009 e outubro de 2010. O discurso expositivo abordou a evolução da vila partindo do castelo como elemento estruturante, passando pelas diversas tipologias arquitetónicas que testemunham diferentes épocas. Tratou a sociabilidade e o comércio local, com especial destaque para as pequenas lojas tradicionais que ainda habitam o lugar. Para além dos painéis e peças expostos, quem visitava a exposição tinha a possibilidade de assistir a dois documentários: «*Patrimónios*» registou diferentes aspetos da vida quotidiana em espaço público, entre 2007 e 2009; e «*Mestres do Ofício*» deu voz aos mestres: relojoeiro, barbeiro, sapateiro e costureira, que ainda exercem no CH de Palmela, e a outros que, embora já não exerçam, são detentores de um conhecimento que urge salvaguardar.³

A par destes documentos, o património cultural imaterial esteve também presente nas legendas de peças e na composição dos painéis. Para além de acrescentar riqueza informativa, foi a forma adotada pelo museu para demonstrar a importância da participação da população neste processo de descoberta, de conhecimento e de valorização do património local. Para a equipa, era absolutamente fundamental estimular a população a participar na conceção da exposição, e a melhor forma de o fazer seria criando momentos de partilha de memórias que nos permitissem abordar as temáticas que planificáramos integrar na exposição, e detetar outras que se revelassem importantes para a identidade desta comunidade, a partir do seu próprio discurso.

³ Ambos os documentários podem ser visualizados na íntegra no site do Centro Histórico de Palmela: <http://centrohistorico.cm-palmela.pt>



Painel da exposição «Patrimónios: Centro Histórico de Palmela», subordinado ao comércio tradicional. Igreja de Santiago, Castelo de Palmela, 2009 a 2010.

culminado - esta que consideramos a primeira fase da iniciativa ⁶ - com a publicação digital «Conversas de Poial: quando a memória é a várias vozes» ⁷.

Uma das Conversas decorreu na última taberna da vila: a «Parreirinha». Este local, no século passado frequentado por homens à hora da chegada dos campos e à noite, onde passavam os serões em redor de jogos de cartas, dominós, chinquillo... hoje é, sobretudo, ocupado pelas vizinhas da D. Maria que aí acorrem durante o dia para dois dedos de prosa.



D. Maria, proprietária da Taberna a «Parreirinha». Painel da exposição itinerante «Tabernas em Palmela. Um copo de três... memórias» do Museu Municipal de Palmela.

A Conversa, nessa noite, teve como motor a questão: *Porque é que este lugar não tem gente?* Considerámos que a taberna, pela sua história, correspondia ao local ideal para abordar este tema. E, nessa noite, a taberna encheu-se de gente.

A degradação do edificado foi apontada como umas principais patologias, com consequência direta no despovoamento do lugar. Na verdade, o estado do edificado corresponde a um problema antigo. Já em 1867 encontramos na imprensa setubalense uma referência, em forma de apelo, para o estado ruinoso do Património Histórico de Palmela ⁸. E, no século seguinte (em 1903), um outro artigo dá conta de que

⁴ Desde 2003, que o Museu Municipal, com o projeto Arquivo de Fontes Orais (AFO), recolhe memórias junto da população local com o propósito de adquirir um conhecimento mais profundo sobre a história contemporânea; estar próximo da comunidade; recolher indicadores que nos mostrem necessidades e interesses da população relativamente ao património cultural do concelho; e constituir um arquivo audiovisual que perdure para as gerações vindouras. O acervo deste arquivo conta já com mais de uma centena de entrevistas realizadas sobre diversas temáticas, tais como ofícios tradicionais, modos de vida rurais, arquitetura, artes. As informações servem de suporte ao conhecimento produzido, quer através de exposições, publicações, ou pequenos documentários - alguns destes documentários estão acessíveis online, quer no site da autarquia - canal youtube -, quer no site Memória Média, numa parceria com a Universidade Nova de Lisboa.

⁵ Temas abordados ao longo do Ciclo de Conversas: Sociabilidade, Arquitetura; Comércio; Azulejaria; Arqueologia (2); Cinema; Religião; problemas do lugar; Artes.

⁶ Em maio de 2012, no âmbito da comemoração do Dia Internacional das Histórias de Vida, celebração que surgiu em 2006 por iniciativa do Museu da Pessoa www.museudapessoa.net, iniciámos um novo ciclo, desta vez no Centro Histórico da freguesia de Quinta do Anjo - uma das quatro freguesias do concelho de Palmela. A conversa «Marcas d'Água», decorreu no novo espaço expositivo da Junta de Freguesia, resultado da requalificação, em parceria com o Museu Municipal, dos antigos tanques públicos que se encontravam em ruína.

⁷ https://issuu.com/museumunicipaldepalmela/docs/publicacao_poial

⁸ «(...) Fomos mais uma vez ver as famosas ruínas do mourisco castelo, com as suas ameias enegrecidas do tempo e sua torre d'almenara, no fundo do qual jazem o bispo D. Garcia (...). Fugimos dali horrorizados do vandalismo que destruiu por lá e ainda continua. Temos chamado para este objecto a atenção das autoridades competentes em diferentes épocas. Só 1 vez nos atendeu o Sr. Ministro de guerra, mandando para o castelo o respectivo governador e ajudante, mas pouco tempo nele se demoraram, retirando e deixando-o outra vez em abandono. (...)

«Prova-se bem o que de há muito acreditámos, que a importância material dos indivíduos, não tem senão a utilidade destes, quando não é acompanhada de outros dotes. Contudo ousamos recordar aos palmelenses ilustrados e amadores da civilização e do progresso, que não afrouxem, antes insistam no empenho de prosseguir nos melhoramentos materiais e intelectuais. Tem palmela lindos pontos de vista, campos férteis e ares puros, e talvez se a tornarem recomendável dos visitantes, possa ainda melhorar de condição.» In *Jornal de Setúbal*, 14 de julho de 1867.

o estado de ruína do castelo se mantém, sem que sejam tomadas medidas.⁹

Embora aos habitantes lhes seja possível recordar um tempo em que as casas, regularmente cobertas de cal coloriam o rosto do CH, a degradação, quase metódica, parece ser uma situação recorrente e que nos surge, hoje, como verdadeiramente problemática. Comprar casa no centro histórico é oneroso. A oferta é reduzida, os preços inflacionados, os prédios necessitam de obras estruturais, a burocracia dispendiosa e demorada.

A população jovem, mesmo quando proprietária de prédios por meio de herança, raramente tem possibilidade de os habitar porque não dispõe de recursos financeiros que lhe permita torná-los habitáveis, dado o avançado estado de ruína e as obrigatórias obras de remodelação face às necessidades atuais.

Também o progressivo encerramento do comércio tradicional surge como fator, apontado pela população, para a perda de dinamismo do CH de Palmela. Outrora enérgico (no contexto de um pequeno território) tem vindo a perder vitalidade a cada ano, processo que se intensificou sobretudo a partir da década 80 do século passado.



Ilustração de Altino Bernardes cedida ao Museu Municipal numa das sessões do ciclo «Conversas de Poial», para justificar a sua desolação face à condição do CH de Palmela, 2009.

É quase com gratidão que passamos pela porta do latoeiro, do relojoeiro, do sapateiro, dos barbeiros, e da última taberna do CH, pois é certo que a porta aberta se deve a uma resistência estoica, ao gosto pela profissão, aos momentos de sociabilidade que mantêm com a vizinhança, pois o negócio, enquanto tal, há muito que deixou de ser lucrativo.

«Era por exemplo o mês de Dezembro eu tinha que ter aqui uma pessoa comigo porque eu não conseguia dar mão a isso. Agora? Nem me lembra que é Dezembro! (...) Pois o meu estabelecimento está a menos de 20%. Mas só que eu ainda vou sobrevivendo porque ainda vou trabalhando. Se eu não trabalhasse não valia a pena estar aqui. (...)» (Altino Bernardes, 71 anos, Relojoeiro, Palmela, 2009)

As entrevistas realizadas a estes comerciantes demonstram que a responsabilidade é atribuída às grandes superfícies. *«O principal que não é muito possível de se fazer que é trazer o público para aqui para comprar as coisas. Isso é uma das coisas que não se pode fazer com facilidade porque os grandes centros comerciais têm tirado a freguesia a estes pequenos estabelecimentos. Não é possível restituir os pequenos comércio.»* (Joaquim Domingos, 70 anos, Barbeiro, Palmela, 2009). Raras vezes foi referida a viabilidade do modelo comercial tradicional, ou apontados novos caminhos que possam contribuir para inverter a situação.

Não obstante, nos últimos anos, novos projetos têm vindo a habitar o CH de Palmela. Projetos que reconhecem a singularidade do lugar e que, implicados na sua requalificação, têm vindo a contribuir decisivamente para a sua dinamização.

O turismo é outro dos temas frequentemente abordados. O traçado do CH de Palmela, a paisagem cultural que o envolve e da qual é elemento estruturante, torna-o apetecível não só para os seus habitantes como para os turistas. Ainda existe, porém, pouca articulação entre a orgânica da vila e os percursos turísticos, tal como o estado do edificado parece surgir como um constrangimento. Se o castelo tem vindo a conhecer um acréscimo significativo de visitantes, vindos um pouco de todo o mundo, o mesmo não se pode dizer do casco antigo da vila onde raramente

⁹ «O castelo de Palmela é hoje um montão de ruínas. O tempo e os homens deixaram vir quase a baixo um dos monumentos mais característicos da nossa terra, situados numa posição incomparável a dominar as vastas e uberrimas bacias do Sado e do Tejo. «Noutro paiz, e com outras gentes, o castelo teria sido conservado religiosamente, e seria hoje entregue à admiração dos forasteiros, como um soberbo padrão das nossas glórias. Agora, mal se conservam de pé as vetustas muralhas e a altiva torre de menagem, isto até quando não forem arrazadas desde os alicerces, que os tempos vão mal, e ainda há ali muito boas pedras para edificar casas... Sabemos que este é o modo de pensar de muitas pessoas conspícuas. As velharias não servem senão de estorvo. Não nos governamos só com a contemplação do que fomos. É preciso olhar para a frente, e fazer economias... Eis o espantinho, mercê do qual se cometem os maiores vandalismos e os maiores atropelos contra o gosto e contra a arte: as economias! E apontam-nos o exemplo do que se faz lá fora. Gastar dinheiro com cousas que não tem importância hoje, é uma loucura. Deixai falar os sentimentais... Porque não vão ver lá fora essa gente tão arrazoada, com olhos de ver, como ali se tratam os monumentos e se exploram, convertendo em proveito e em celebridade, o que parecia só destinado a produzir despesas e trabalhos?

O castelo de Palmela é de grandes dimensões, mas actualmente de limitada importância militar. Está ali estabelecido um heliografo, que comunica com Lisboa, Santarém, Vendas Novas e Setúbal. (...) Está tudo em ruínas, observando-se ainda, aqui e ali, restos dos antigos primores arquitectónicos. Confrange o coração ver tanto desmazelo.

Dizem, contudo, que quando o abandono e incúria já houve tempos piores. Então, entrava-se por ali dentro, e quem queria levava, ou mutilava, as pedras rendilhadas da igreja ou do convento, que se aproveitavam para construções na vila! Até as famosas mezas de pedra do refeitório desapareceram! Os poucos azulejos que ainda se admiram, são os que revestem a parte superior das paredes. Todos os outros sumiu-os a injúria dos homens pior do que a injúria dos tempos (...).»

In *O Castelo de Palmela*, Annaes da Academia de Estudos Livres, Lisboa: Imprensa Comercial, 1903, pp.16 e 17.

se entreveem turistas. Num dos livros de honra da exposição «Patrimónios» lemos o seguinte comentário: *«This place is brilliant very historical well preserved... however it is not well advertised... I have been to Lisbon 10 times, I have only heard of this place today? Why? No mention in guide book...»* (Anónimo, Uk)

De facto, o «marketing urbano é hoje um elemento essencial do processo de afirmação nacional e internacional das cidades. A criação de imagens de marca, o lançamento de projetos estruturantes, a construção social e mediática de grandes desígnios constituem atribuições do marketing urbano que visam concorrer para o reforço da atratividade das cidades relativamente aos fluxos de investimento.» (J. Queirós, 2007: 101) Hoje, «as cidades anunciam-se, exibem-se, apresentam-se e entram no palco da encenação.» (Paulo Peixoto in J. Queirós, 2007)

A apresentação tímida de si tem vindo, nos últimos anos, a ser contrariada. O projeto «Palmela Conquista», numa referência direta à importância que a Ordem Militar de Santiago teve no território (vide <http://turismo.cm-palmela.pt>), tem explorado e criado novas oportunidades de comunicação. Foi também criada uma imagem de marca do CH de Palmela e lançado o site, em maio de 2012 (<http://centrohistorico.cm-palmela.pt>), que disponibiliza informação de carácter diverso para diferentes tipos de utilizadores.

Uma quarta temática, causa e consequência das anteriores, foi apontada como preponderante ao contribuir de forma decisiva para o estado de degradação do CH de Palmela: o despovoamento. A diminuição e o envelhecimento da população são questões que cruzam vários países¹⁰. A taxa de natalidade decresce a cada ano e a população mantém a sua deslocação para os grandes centros urbanos onde procura encontrar melhores condições de vida. A freguesia de Palmela, embora na Área Metropolitana de Lisboa, tem visto a sua população decrescer, enquanto, por exemplo, Pinhal Novo e Quinta do Anjo¹¹ vêm os seus habitantes aumentar. Prevê-se que este cenário se mantenha, e possa agravar, dado resultar inevitavelmente no decréscimo de natalidade e da incapacidade do centro histórico fixar nova população.

Esta situação é perfeitamente visível para quem passa pelo local durante a noite. Se, de dia, os serviços administrativos da autarquia contribuem para a dinamização do lugar, assim como a presença de alguns espaços comerciais, de ensino e de ocupação de tempos livres, a partir do entardecer o movimento esbate-se com a luz natural, sendo possível, no Inverno, passar por praticamente todo o CH de Palmela sem nos cruzarmos com qualquer pessoa.

As cerca de 60 pessoas que estiveram na Taberna, nessa noite, regressaram a um passado diferente: lembraram os bailes nas ruas; as noites de cinema ambulante quando a população ocupava os poiais e vãos de portas e janelas; os grupos de homens (jornaleiros e proprietários) que viajavam de taberna em taberna para saciar a sede; as crianças que brincavam e jogavam à bola, correndo vila abaixo para a subir logo de seguida.

«As vidas foram-se todas modificando. À noite, agora por Palmela não se vê ninguém (...) Dantes a rapaziada andava toda nos largos. Uns a jogar ao toque, outros a jogar às cavalitas, outros a jogar à lata. Juntavam-se 10/15 rapazes. Agora não se vê nada, nada» (Henrique, Conversas de Poial, 2011)
«(...) tinha uma carroça e a porta ficava toda a noite aberta. E então encostava a carroça à porta e nós dormíamos ali. O primeiro sono era na rua. Em cima de umas sacas de calhamaço. Agora é o sofá. Na altura dormíamos em cima de umas sacas de calhamaço. E depois íamos para a cama. E a porta ficava sempre aberta. O carro do meu pai ficava carregado de laranjas de véspera, porque ele abalava logo de madrugada, e ninguém mexia em nada e ficávamos ali todos à vontade» (Helena Fruta, Conversas de Poial, 2011)

O fluxo do discurso patente nas Conversas era maioritariamente direcionado para memórias felizes e o espaço físico surgia como cenário do imaterial, o que dava corpo às histórias: *«(...) palco onde se narra a história de cada um dos habitantes que ao longo da vida a herdaram, construíram e modificaram.»* (A. Queirós, 2007:1). Esta prevalência do intangível sobre a matéria demonstra que um largo é mais do que um espaço vazio, que uma rua é mais do que uma calçada, que uma casa é mais do que uma fachada. São matéria da vida que a habita. É o resultado, sempre em mutação; equação do conjunto de pessoas que ali deixam parte de si.

E se o Património Cultural Imaterial do lugar se desvanecer? Se deixarmos que o passar do tempo leve consigo as lembranças. O que fica? Fica o lugar. Lugar de nada e de coisa alguma.

Para Queiroz a noção de «núcleo histórico»: «Esqueleto urbano que precisa de ganhar vida novamente» (Queiroz, 2009: 12), remete-nos invariavelmente para um legado e uma herança do passado. A Carta de Veneza¹² (1964), sucessora da Carta de Atenas (1931), declara que «os monumentos de um povo são portadores de uma mensagem do passado, testemunho vivo das suas tradições seculares.» (A. Queirós, 2007:3)

¹⁰ Em Portugal, para assegurar a substituição de gerações, cada mulher em idade fértil deveria ter em média 2,1 filhos, longe da atual média de 1,32, o que corresponde à segunda taxa mais baixa dos países da OCDE. In http://publico.pt/Sociedade/portugal-e-o-segundo-pais-da-ocde-com-a-taxa-de-natalidade-mais-baixa_1491491

¹¹ Duas das quatro freguesias do concelho de Palmela.

¹² A Carta de Atenas, de 1931, estabeleceu, pela primeira vez, critérios de preservação e revitalização de edifícios antigos. Realçava a ideia de que os monumentos são um testemunho vivo de tradições, sendo por isso indispensável a sua preservação. A Carta de Veneza, de 1964, elaborada pelo ICOMOS, aprofundou estes princípios. O conceito de monumento histórico deixou de estar somente relacionado às criações arquitetónicas, passando a englobar sítios quer urbanos, quer rurais – desde que estes encerrem vestígios de civilizações que, de alguma forma, simbolizem uma fase marcante da história.

Em 1977, num Colóquio sobre Conservação realizado em Quito, o centro histórico foi apresentado como um espaço físico condicionado pelas relações que se foram estabelecendo entre as pessoas ao longo do tempo: «A característica especial de um centro histórico é o reconhecimento por parte dos seus habitantes e dos habitantes do resto da cidade, de que o centro histórico é uma área urbana com identidade própria e aparência particular»¹³.

Redigida pelo ICOMOS, em 1987, a Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas define «cidades históricas» com base no facto de representarem a multiplicidade das sociedades ao longo das décadas. (A. Queirós, 2007: 4)

«Ora, os testemunhos do passado dão Memória e Identidade à cidade, distinguindo-a das demais, mesmo quando integrada num território caracterizado por um indistinto contínuo urbano.» (Queiroz, 2009:11) O autor acrescenta que, para promover a Memória e a Identidade da cidade, valorizando esta herança que é o seu casco antigo, é necessário: reabilitar - voltar a dar utilidade ao que está sem uso, degradado ou abandonado; requalificar - voltar a dar qualidade de vida e melhorar a face da cidade; restaurar de forma integrada – re-instaurar a vida urbana, sendo que o uso dos espaços públicos e os itinerários orgânicos são questões fundamentais.

Mas será possível restituir as antigas funções dos espaços, agora que os hábitos se alteraram significativamente?

Centremo-nos num prédio urbano, como uma micro realidade do lugar. Algumas das casas têm apenas uma fachada o que resulta em divisões sem qualquer abertura para o exterior. Mesmo para quem não domine questões arquitetónicas, facilmente compreende que, sem espaço para grandes alterações, é extremamente difícil restituir a função desta habitação de acordo com as necessidades de uma família atual. E isto, quando aumentado em escala para todo o centro histórico, demonstra a dificuldade que os técnicos, proprietários e habitantes têm pela frente. A complexidade de um projeto desta natureza revela-se ainda mais penosa quando resulta de um conjunto desconexo de ações, sem qualquer articulação entre si. «A verdade é que, nesta área

da gestão e reabilitação dos centros históricos, não abundam os exemplos bem sucedidos que possam servir como paradigma para um aprofundamento metodológico» (Queiroz, 2009:8) «(...) iremos continuar a ficar felizes por termos acertado e perplexos por termos falhado». (idem: 44)

Nesta dialética urbana da permanência e da mudança (Peixoto, 2003), diferentes e inúmeros atores intervêm e, não havendo uma preocupação inicial de articulação de ações e projetos, o resultado, invariavelmente, ficará aquém das expectativas e a médio/longo prazo conduzirá a um estado de desânimo e incompreensão sentido, sobretudo, pela população local que se sente desamparada. É fundamental que «o direito individual e o direito coletivo devem sustentar-se, reforçar-se mutuamente e reunir tudo aquilo que comportam de infinitamente construtivo.» (Carta de Atenas: 35) A requalificação do CH tem de partir de dentro, do seu interior: «Requalificar uma cidade é devolvê-la à estima dos seus habitantes»¹⁴.

Trata-se de ouvir o pulsar dos seus habitantes, e devolvê-lo à cidade. É essa também a nossa missão, enquanto Museu.

Hoje, existe um conjunto de projetos em desenvolvimento que têm como ponto de convergência a dinamização do Centro Histórico de Palmela: «Almenara»¹⁵; «Mercadinhos de Palmela»¹⁶; «Álbum de Família»¹⁷; «2(de)Mãos por Palmela»¹⁸; a criação de um espaço de exposição permanente em pleno coração da vila a partir da recuperação do edifício «Espaço Cidadão»¹⁹, entre outros que estão a ser desenhados.

Referimos, igualmente, o esforço de recuperação de proprietários que, nos últimos anos, têm vindo a realizar obras de reabilitação nos seus imóveis, contribuindo de forma decisiva para refletir uma imagem de vida que não se interrompe. Aludimos, por exemplo, ao prédio do Largo da Boavista, edifício emblemático por ter sido sede da Sociedade Filarmónica Palmelense «Loureiros».

Temos a expectativa de, daqui a uma década, retomarmos este artigo. Cremos estar a passar por um período de mudança que terá impacto positivo no território, mas que apenas o distanciamento nos permitirá avaliar.

¹³ Hardoy e Guttman, 1992 cit. por A. Queirós, 2007: 4.

¹⁴ Manuela Alcântara in *Encontros com o Património*, TSF, Edição de 21 de janeiro 2012 - Guimarães, Capital Europeia da Cultura.

¹⁵ O «Almenara» é um projeto desenvolvido em parceria com o Castelo de S. Jorge, de Lisboa, que pretende potenciar a relação entre os dois monumentos a partir do episódio que ocorreu em 1384, quando D. Nuno Álvares Pereira comunicou por meio de grandes fogueiras almenaras no castelo de Palmela, com Lisboa que se encontrava cercada pelos castelhanos.

A par deste projeto, está em desenvolvimento o «Palmela Almenara», da exclusiva responsabilidade da autarquia, que se centra na realização da Feira Medieval no último fim-de-semana de setembro e perfaz, em 2016, a 3ª edição. Em simultâneo, este projeto procura fomentar a participação da comunidade através, por exemplo, de ações de formação sobre História Local.

¹⁶ Os mercadinhos realizam-se quinzenalmente no terraço do mercado de Palmela e pretendem contribuir para a dinamização comercial e turística da vila, promovendo os produtos locais e a relação direta com os consumidores.

¹⁷ «Álbum de família» é um projeto que tem como objetivo fortalecer a memória do lugar através do desfolhar de imagens que integram os álbuns dos seus residentes. Num convite direto à participação da comunidade, pretende evocar acontecimentos e identificar pessoas, datas e factos que permitam continuar a construir a história do Centro Histórico de Palmela.

¹⁸ São objetivos deste projeto qualificar a imagem do Centro Histórico e sensibilizar para a importância de cuidar do património edificado, envolvendo a população numa ação de voluntariado.

¹⁹ Atual sede da Junta de Freguesia, acolhe ainda outras entidades e iniciativas. O próprio edifício dispõe de uma narrativa expositiva que permite enquadrar o desenvolvimento da vila, ao longo dos últimos séculos.

Património Local

Histórias de Palmela: publicações da Academia dos Saberes

Academia dos Saberes é o melhor nome possível para designar um grupo de pessoas que se reúne, semanalmente, para contribuir para um maior conhecimento e compreensão de um tema ou matéria. Em Palmela, o Centro Histórico tem sido o mote, desde 2010, para este encontro. O projeto, promovido pela Associação de Idosos de Palmela, sob a orientação do professor António Correia, procurou, ao longo de 60 sessões, descobrir o que não consta nos documentos tradicionais «(...) vasculhar no sótão da nossa memória, como se estivéssemos a ler páginas de um livro que o tempo foi escrevendo (...)»¹.

Muitas vezes nos cruzámos – a Academia dos Saberes e o Museu Municipal. Por que temos objetivos comuns, por que acreditamos na importância da memória, por que são estas pessoas as nossas fontes de informação, também. Foi com alguma ansiedade e, finalmente, entusiasmo, que recebemos a notícia de que em junho de 2014 a Associação de Idosos iria lançar duas publicações subordinadas à história do centro histórico da vila. «História e histórias de Palmela», são dois livros com a mesma designação, sendo que um revela-nos lugares já inexistentes, como tanques, fontes, adegas, tabernas; fala-nos das profissões que tradicionalmente labutavam neste lugar; relembra-nos o antigo nome de ruas. O segundo recorre essencialmente a imagens retiradas de álbuns de família, muitas esquecidas na poeira do tempo.

Este trabalho, fruto da perseverança e dedicação destas pessoas, é um importante contributo para o conhecimento. É não permitir que o esquecimento prevaleça.

Bibliografia

ALVES Cristina Paula Vinagre – **A Propriedade da Ordem de Santiago em Palmela. As visitas de 1510 e de 1534.** Porto: 2004 [tese de mestrado]

Câmara Municipal de Palmela – **Estratégia: uma abordagem integrada de intervenção. Recuperação e dinamização do Centro Histórico de Palmela.** Candidatura do Município de Palmela ao QREN. Palmela: RE: Política de Cidades - Parcerias para a Regeneração Urbana _QREN, 2009: 3.

Câmara Municipal de Palmela – **Roteiro Exposição Patrimónios|Centro Histórico da Vila de Palmela.** Palmela: Município de Palmela, 2010

Câmara Municipal de Palmela – **Questionário aos Residentes do Centro Histórico de Palmela. Relatório de análise de dados.** Palmela: Município de Palmela, Novembro de 2011

KANASHIRO, Milena - *Da antiga à nova Carta de Atenas – em busca de um paradigma espacial de sustentabilidade.* In **Desenvolvimento e Meio Ambiente, n.º 9**, p. 33-37, jan./jun. 2004. Editora UFPR. <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/made/article/viewFile/3079/2460> consul. 2 maio, 2012

PEIXOTO, Paulo - *Centros históricos e sustentabilidade cultural das cidades. Apresentado no colóquio A cidade entre projectos e políticas.* Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 30 de Junho de 2003. In <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo8511.pdf> consul. 22 maio, 2012

QUEIRÓS, Ana Filipa Gamboa - *Reabilitação de Centros Históricos.* In **Sociologia, Problemas e Práticas, n.º 55**, 2007, pp. 91-116

QUEIRÓS, João – *Estratégias e discursos políticos em torno da reabilitação de centros urbanos. Considerações exploratórias a partir do caso do Porto.* In **Sociologia, Problemas e Práticas, n.º 55**, 2007, pp. 91-116

QUEIROZ, Francisco - *O restauro urbano integrado e a necessidade de formação superior direccionada para a salvaguarda, gestão, valorização, restauro e conservação de núcleos históricos.* In **Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas do Património**, Porto, 2005, I Série vol. IV, pp. 169-192. In <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4942.pdf> consul. 23 maio, 2012

QUEIROZ, Francisco e PORTELA, Ana Margarida – **Conservação Urbana e Territorial Integrada. Reflexões sobre Salvaguarda, Reabilitação e Gestão de Centros Históricos em Portugal.** Lisboa: Livros Horizonte, 2009.



¹Associação de Idosos de Palmela: «História e Histórias de Palmela». Palmela, 2012. pp. 8

Do Serviço Educativo

«Literacia das Emoções», uma parceria entre o Museu Municipal de Palmela e o Agrupamento de Escolas José Saramago

«Literacia das Emoções» é um projeto de *educação artística de caráter transdisciplinar e interinstitucional que visa promover a aprendizagem socioemocional*. Procuramos desenvolver competências socioemocionais através de uma aproximação entre a escola e o património.

Do Agrupamento de Escolas José Saramago ao Museu Municipal de Palmela ergueu-se uma ponte firme, estimulante e duradoura que permitiu fazer percursos, definir estratégias e utilizar recursos adaptados às necessidades dos nossos jovens alunos.

O grupo-alvo é constituído por discentes que apresentam reduzidos recursos económicos e culturais e dificuldades de aprendizagem decorrentes de transtornos emocionais relevantes.

O projeto nasceu em setembro de 2013, com uma primeira ação designada «Um Museu Para o Futuro», assumindo um percurso focado num movimento cíclico de internalização e externalização da riqueza do património. Partimos do pressuposto que a criatividade tem uma relação com a saúde mental e promove a aprendizagem socioemocional. Esta parceria tem possibilitado o cruzamento entre o património pessoal, o nacional e o da comunidade local.

A equipa do Serviço Educativo do Museu Municipal de Palmela facultou a realização de visitas, atividades e recursos humanos, agilizando a vivência de gratificantes experiências pedagógicas e sociais. Estas atividades são criteriosamente planeadas, de modo a adequar a oferta do Museu aos temas propostos pelo Serviço de Psicologia do Agrupamento de Escolas José Saramago, permitindo alargar acessibilidades e reforçar a nossa proposta de aprendizagem.

Uma equipa multidisciplinar tem vindo a desenvolver um trabalho de evidente diferenciação e consistência. Psicóloga, órgão de gestão, docentes do agrupamento e assistentes operacionais, em articulação com as entidades e técnicos envolvidos, têm revelado disponibilidade, proximidade e atenção para com os discentes e encarregados de educação. *O Museu Municipal de Palmela e a Fundação Calouste Gulbenkian - Centro de Arte Moderna - são os nossos territórios privilegiados.* Outros parceiros relevantes são: Museu da Saúde-Pólo de Águas de Moura do Instituto Dr. Ricardo Jorge, Centro Cultural do Poceirão, Biblioteca Municipal de Palmela, União de freguesias Poceirão-Marateca, Equipa de Prevenção-Administração Regional de Setúbal Lisboa e Vale do Tejo, Museu da Eletricidade, Museu de Arte Contemporânea| Museu do Chiado, Seguranet- Nelson Martins, Abolsamia- máquinas industriais e agrícolas e Imdea Materiales-Investigador Cláudio Lopes.

As atividades dinamizadas são selecionadas de modo a estabelecer um fio condutor entre o valor da ancestralidade (fortalecimento dos laços de identidade e de pertença) e a vontade de entrar no

futuro (reforço da identidade individual).

Na génese do projeto, a exposição «E da uva se fez vinho» elaborada pelo projeto «Escolas Rurais», numa parceria entre a Câmara Municipal de Palmela e o Instituto das Comunidades Educativas (instalada pelo Serviço Educativo do Museu Municipal de Palmela na Escola José Saramago) lançou o mote para a reflexão sobre o património do concelho, do país e do mundo. Esta reflexão remeteu para uma análise das diferentes dimensões do eu e a sua ligação com o meio envolvente. Através das palavras e desenhos dos alunos, foi possível conhecer a casta *castelão*, saber que tem outras primas castas em várias regiões do país, e perceber os cuidados necessários a ter na vinha para que no fim de um ciclo de trabalho possa dizer-se: «E da uva fez-se o vinho».



Oficina pedagógica «Da uva ao vinho», promovida pelo Museu Municipal de Palmela, 2015

A exposição e as atividades a ela associadas funcionaram como núcleo gerador do projeto, espaço que retratou a expressividade da identidade comunitária, mas também capaz de moldar e reforçar as identidades dos alunos. Neste evento surge o reinício de uma narrativa, onde permanece o poder da arte aberto à integração/reconstrução e «renascimento» da identidade dos novos alunos que foram sendo encaminhados para o projeto. A exposição foi utilizada como local de fortalecimento dos laços de identidade e de pertença, funcionando como um recurso para promover a reflexão, desenvolver o pensamento crítico e dinamizar o agir dos alunos no que toca à sua expressividade.

Ao longo do ano letivo, as obras de Amadeu de Sousa Cardoso, de Rui Chafes e os tesouros do Museu de Palmela deram acesso a um universo mágico. O peso e a leveza, o interior e o exterior e outros paradoxos inerentes a esta vasta produção prestaram-se a uma reflexão muito rica sobre a robustez e a fragilidade do Eu.



Exploração do recurso pedagógico «O Museu de mão em mão», do Museu Municipal de Palmela, 2015

Recebemos a Equipa de Prevenção – Administração Regional de Setúbal, Lisboa e Vale do Tejo, e participámos na ação de prevenção de comportamentos de risco. A ação foi dinamizada no espaço subsequente à exposição «E da uva fez-se vinho». Autoavaliámos os nossos conhecimentos sobre o vinho e as consequências do consumo de bebidas alcoólicas. No final, preparámos uma bebida saudável e bebemos em grupo. De regresso à vida onírica, mergulhámos «nas matérias de que são feitos os nossos sonhos – narrativas plásticas». A vigília deu lugar à produção de uma assemblagem, no final do ano letivo, onde o património do eu ficou retratado pelos nossos alunos com uma naturalidade soberba.

A necessidade de intervir em grupos específicos (duas turmas com um número significativo de

alunos que revelam um baixo nível de competências socioemocionais) conduziu-nos à criação da ação «Blimunda Sete Luas». Portadora de uma forte densidade psicológica, esta personagem da obra «O Memorial do Convento», de José Saramago, funciona como elemento meditativo e inspirador para a transformação das mutáveis e complexas vivências diárias dos jovens alunos integrados no projeto. No âmbito desta ação, criou-se um grupo de trabalho com o objetivo de delinear ações de disseminação de práticas pedagógicas promotoras de estimulação e desenvolvimento das competências socioemocionais dos dois grupos turma. Tal ação - «Fazedores de Memórias» -, incluiu a participação dos docentes do conselho de turma, técnicas do serviço educativo do Museu Municipal de Palmela e psicóloga do agrupamento.

Os elementos que participaram nas sessões de trabalho revelaram um elevado nível de cooperação, apresentando cinco propostas inovadoras a implementar desde abril de 2016 até maio de 2017. Tais propostas incluem: um Diário de Memórias, a construção de um Engenho Voador- Passarola do Poceirão, construção de um Espanta Espíritos, a realização de Jogos de Dinâmica Grupal e um Observatório da Evolução das Vontades/Competências.

Os participantes consideraram que a partilha de experiências e de áreas de conhecimento, a oportunidade de realizar uma escuta ativa dos elementos envolvidos, a vontade de refletir e inovar pelos alunos e a cooperação na realização dos projetos, foram os elementos de maior valor neste grupo de trabalho.

A partir destas duas propostas centrais, «Um museu para o Futuro» e «Blimunda Sete Luas», o Agrupamento de Escolas José Saramago e o Museu Municipal de Palmela criaram núcleos transversais que integram a participação de outros parceiros, técnicos, artistas e docentes, tendo como prioridade a «literacia das emoções».

Sandra Rodrigues dos Santos
Psicóloga. Agrupamento de Escolas José Saramago



Exatidão - Atividade dinamizada no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian com inspiração na oficina «Matemática em ponto pequeno», janeiro de 2015

Património concelhio em documentos

Xavier Santana e a modernidade da empresa no cálculo automático

No ano em que se assinala os noventa anos da fundação da empresa Xavier Santana [1926.2016], o Museu Municipal divulga uma das peças que constituem o património desta: a máquina de calcular MADAS (Fig. 1).

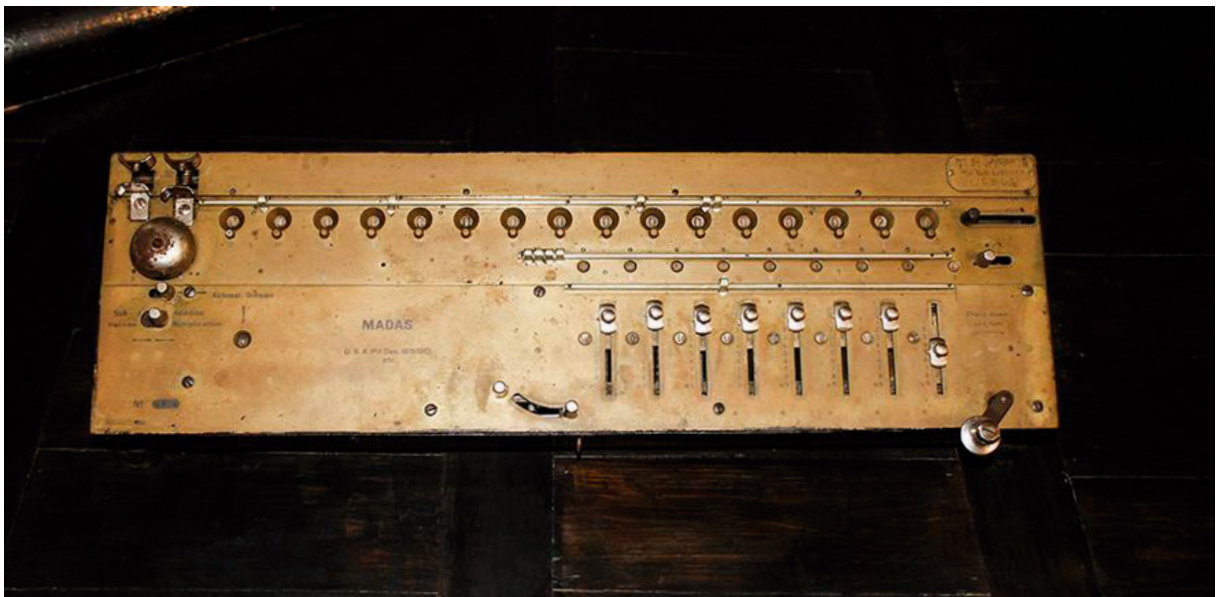
Trata-se de um artefacto histórico, recentemente identificado e divulgado ¹, o primeiro modelo mecânico de cálculo automático. Com um frontal em latão, está acoplada numa caixa de proteção fabricada em chapa de ferro que, na origem, exibia - no interior da tampa - o manual de instruções em papel.

Fabricada em Zurique ², na Suíça, é a sucessora da primeira calculadora ³ a realizar as quatro operações aritméticas; o seu mecanismo baseia-se no princípio mecânico de cálculo inventado por Gottfried Wilhelm von Leibniz, e na modificação do aritmómetro de Thomas de Colmar, bastando girar a manivela para se obter um cálculo rápido e preciso ⁴.

Peça exemplar na história dos aritmómetros do século XX, o Aritmómetro de Payen foi fabricado pelo constructor Erwin Jahnz (sendo lançado em 1908). É o primeiro instrumento fiável a oferecer um sistema de cômputo e cálculo ⁵ para as quatro operações aritméticas: multiplicação, divisão, adição e subtração.

O nome do modelo, MADAS, corresponde ao acrónimo das funções de multiplicação (automática), divisão, adição e subtração.

Esta peça invejável, na posse da empresa Xavier Santana, Sucessores, Lda., substancia o perfil do seu fundador, Xavier Santana, «um homem que estava sempre a tentar modernizar o que tinha» ⁶. Xavier Santana adquiriu-a ⁷ num tempo em que a contabilidade moderna ainda estava numa fase relativamente incipiente, com o intuito de agilizar o processamento administrativo e, sobretudo, a eficiência com que a contabilidade da empresa era processada. Esta estratégia profissional tem um outro ponto alto em 1946, com a contratação do primeiro técnico de contas, o jovem José Ferreira que acabara de concluir os seus estudos de contabilidade na Escola João Vaz, em Setúbal.



Calculadora mecânica

Modelo MADAS. Fabrico suíço, patente Jahnz, de 1913

Inscrição/Marca: MADAS. Número de série: 5734

Dim.: 19x49x19 cm

Créditos fotográficos: Bruno Damas

¹ Por ocasião da visita orientada pelo Museu Municipal de Palmela em parceria com a empresa Xavier Santana, Sucessores, Lda., realizada no âmbito das Jornadas Europeias do Património 2015.

www.cm-palmela.pt/frontoffice/pages/1717?news_id=2908

² Na empresa fundada pelo engenheiro Egli [1862.1925] em 1891, que lançou o primeiro modelo em 1908.

Apostada na inovação, a empresa desenvolveu vários modelos até à década de 1950, vendidos na Europa e nos Estados Unidos. Sobre o assunto consultar o Museu da Técnica de l'Empordà, em Figueres (Espanha): www.mte.cat/component/option.com_frontend/Itemid,1/lang,cas

³ Sendo o ábaco o mais antigo instrumento de cálculo conhecido (China, século VI a.C.). Difundido nas várias culturas milenares, ainda hoje é utilizado no ensino do cálculo escolar, ao nível das operações da adição e subtração.

⁴ Sobre o assunto ver também: www.mte.cat/content/view/340/219/1/3/lang,cas

⁵ A ideia de mecanizar o cálculo nasce da necessidade de realizar operações matemáticas de modo fiável e eficaz.

⁶ José Rodrigues Ferreira [1929], Contabilista aposentado. Entrevista ao Museu Municipal de Palmela-Arquivo de Fontes Orais (AFO)/ Maria Leonor Campos, Setembro de 2015.

⁷ O custo original, em 1925, era de quatrocentos escudos.



No âmbito da visita à empresa Xavier Santana, Sucessores, Lda., integrada no programa das Jornadas Europeias do Património 2015 - Património Industrial e Técnico, o senhor José Ferreira explica como trabalhava com a máquina de cálculo MADAS.

«Comecei a trabalhar na firma Xavier Santana [ainda] era solteiro, tinha 16 anos de idade. Fui para o escritório que era na Quinta das Grades, [que] ainda existe hoje lá em baixo, no Largo do Chafariz [Palmela]. O meu trabalho, naquela altura, era fazer umas guias, umas facturas, e [ir] aprendendo aquilo que era necessário. Existia uma máquina muito grande de fazer contas⁸. Era manual, com uma manivela em latão. Trabalhávamos lá dois técnicos permanentes, no total de umas cinco ou seis pessoas no escritório - que incluíam os comissionistas - e havia um trabalho que tinha que ser feito, a facturação, por exemplo, que era à base [do comércio] de azeitonas, vinho e azeites. Quando eu fui trabalhar para a firma Xavier Santana - [na verdade] foi um primo meu que me foi convidar -, a 16 de Novembro de 46 [1946], comecei por fazer guias, facturas de vendas de azeitonas, e [ser] anotador na época das vindimas. A dada altura, a minha função ali era quase [a de um] caixa responsável pelas cobranças que eram recolhidas, [mas também fazia] os registos dos apuros do dia e contabilizava aquela parte, e a correspondência também. O Sr. Santana quando precisava de qualquer coisa, passava-me bilhetes, bilhetes escritos, fazia um resumo daquilo que queria, e tinha uma máquina de escrever⁹».

Esta peça de excepção e de valor simbólico (no legado empresarial Xavier Santana) evidencia a aposta na modernidade industrial e na inovação técnica da componente administrativa. Mas não só. O estudo desta máquina de cálculo permite também interpretar melhor o contexto empresarial, as condições de trabalho e as atitudes mentais na época. Permite ainda reconstituir a prática industrial de Xavier Santana na empresa [entre 1926 a 1969]¹⁰ que, inicialmente com uma dimensão modesta assente no comércio do azeite e do vinho, acaba, perante a saturação do mercado e o aumento da concorrência, por procurar novos produtos e novos mercados, nomeadamente no que respeita ao comércio de azeitona e, mais tarde (já nos anos sessenta), aos mercados de produtos industriais, então em franca ascensão, investindo no comércio do gás butano, sector em que se torna o primeiro representante com actividade no concelho.

Maria Leonor Campos

Técnica Superior de História - Museu Municipal de Palmela

A autora não segue as normas do novo Acordo Ortográfico.

⁸ Refere-se à máquina de cálculo MADAS.

⁹ José Rodrigues Ferreira trabalhou no escritório da empresa Xavier Santana entre 1946 a 1965. Idem, *ibidem*.

¹⁰ Estudos em desenvolvimento, estando concluída uma biografia empresarial.

Armazenista, produtor e comerciante, Xavier Santana projecta-se numa época marcada pela Restauração do Concelho de Palmela (1 de novembro de 1926) e o novo regime que emerge do 28 de maio, destacando-se como membro do «sector superior da média indústria e comércio - os senhores do pão e do vinho, que, localmente, foram a âncora da estabilidade e conservação da nova ordem da Segunda República». Sobre o assunto consultar: Fernando Rosas, *Salazar e o Poder. A Arte de Saber Durar*. Tinta-da-China (edições). Lisboa, 2012, pp. 130.

Nos bastidores...

Ser Voluntário do Museu Municipal de Palmela

O voluntário António Lameira faz o seu balanço sobre a experiência na orientação das visitas ao castelo e ao Centro Histórico da vila de Palmela, que se realizam no primeiro fim-de-semana de cada mês, desde 2008.

I. Perfil do animador. A minha concepção.

1. **Sentir-se bem nesse papel.** Implica disponibilidade interior, prazer e gosto em comunicar. Trazer àqueles momentos ocasiões de bem-estar. Cada momento vale por si, por ser único e poder ser potenciado de acordo com a nossa vontade.

2. **Deixar de lado a postura professoral e adoptar uma postura de proximidade.** Uma visita não é mais uma aula, mas sim um encontro onde se poderão cruzar todas as pessoas, em todas as suas vertentes: o convívio, a troca de experiências e conhecimentos, a aprendizagem na partilha, o contacto real com os locais e eventualmente com as pessoas, a apreciação do belo, a constatação de que as dimensões da vida estão relacionadas.

3. Fazer passar a mensagem de que o **conhecimento não visa acumular mais qualquer coisa que se guarda na memória**, mas entender o saber histórico e local como uma forma de nos sentirmos melhor na vida. Todo o conhecimento é prático. Todo o conhecimento está interligado, daí que quanto mais ligações estabelecermos mais ricos seremos, mesmo nas coisas mais correntes da vida. A perspectiva pedagógica que fazia depender o saber da memória não resultou, já que a população adulta, e até a jovem, diz ter sabido algumas coisas mas que foram esquecidas.

4. Estar atento à reacção dos participantes, mas apostar em aspectos que lhes são mais queridos. Passar a ideia de que cada pessoa deveria fazer o seu percurso em matéria de conhecimento, qualquer que ele seja, histórico, artístico ou religioso. A par de outras aquisições, estaremos a dar, conjuntamente, continuidade à nossa identidade.

II. Sobre os destinatários conclui que:

1. **O público adulto apresenta, geralmente, mais predisposição para saber do que o jovem** e pertence a uma etapa de reforma ou pré-reforma. Os jovens estudantes trazem muitas vezes um interesse muito direccionado, seja obter informação para concretizar um trabalho escolar ou, mais raramente, preparar uma proposta de trabalho na área do património.

2. **Quando acabam a visita manifestam o seu agrado de que gostaram da experiência.** Muitas vezes surpreendem-se como uma visita desta natureza poderá ser uma coisa agradável e não um aborrecimento e lamentam não ter trazido outros familiares. Há certamente um protótipo de como a cultura tem chegado às pessoas, ou seja que não lhes trouxe boas recordações.

3. **Seria desejável ter mais visitantes**, o que poderia convidar-nos a reenquadrar este projeto ou perspetivar novas abordagens.

4. **A cultura ainda não nos preenche quotidianamente**, quase sempre remetida para os fins-de-semana. Não sinto que haja uma continuidade imediata desta experiência, pois parece-me ter sido, para eles, uma experiência importante, mas pontual. Há quem tire algumas notas, mas pressinto que essa atitude não irá desencadear pesquisa posterior.



III. As minhas Sugestões.

1. **As pessoas gostam do factor surpresa e do inusitado.** A título de exemplo, a observação do relógio em funcionamento tem sido um bom atrativo. Muitos outros motivos se poderiam juntar.

2. Os momentos em que **a cultura árabe e também a medieval** foram dominantes poderiam ganhar mais notoriedade.

3. O **Espaço de Transmissões Militares** poderia ser re-musealizado.

4. A presença de um **telescópio no mirante do castelo sobre Setúbal**, talvez fosse um atractivo.

5. **As cisternas** são sempre um factor de curiosidade. Não haveria possibilidade de ter acesso a elas?

6. O castelo de Palmela, sede da Ordem Os Cavaleiros de Santiago não está suficientemente assinalada. Ideias não faltarão.

7. O **arcossólio de D. Jorge** poderia ter uma reprodução da sua gravura e uma biografia, o que permitiria assinalar o seu papel na história da Ordem.

8. O **largo onde está o Chafariz de D. Maria I** poderia ser repensado, o que valorizaria aquela área como verdadeira sala de visitas da vila.

António Lameira
Licenciado em Filosofia

O autor não segue as normas do novo Acordo Ortográfico.

Sites a consultar... acerca do Património Cultural do concelho de Palmela

O Museu Municipal de Palmela está online. Brevemente dispostemos do MatrizNet para que possa, também, consultar o nosso acervo. Acompanhe-nos na nossa página de Facebook.
www.facebook.com/Museu-Municipal-de-Palmela



No Issuu pode explorar e ler as nossas publicações. Estão disponíveis as versões digitais de todos os números do Boletim +Museu.
<https://issuu.com/museumunicipaldepalmela/stacks>



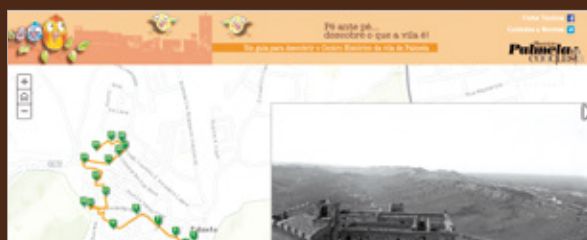
No Memóriamedia pode aceder a parte do acervo de Património Imaterial do Museu Municipal de Palmela.
www.memoriamedia.net/index.php/museu-de-palmela



Descubra o Centro Histórico da vila de Palmela, sob variadas perspectivas, através do site:
<http://centrohistorico.cm-palmela.pt>



Estão disponíveis, no site Palmela Turismo, trilhos para que possa descobrir o concelho. Explore connosco!
sig.cm-palmela.pt/palmelaturismo/peantepe/index.html



Edições em destaque... Fundos documentais para consulta pública

GABINETE DE ESTUDOS SOBRE A ORDEM DE SANTIAGO (GESOS)

AAVV (Coord. Científica: FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; Coord. Editorial: LACERDA, Manuel e PARADA, Catarina) – **Castelos das Ordens Militares. Actas de Encontro Internacional**. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural, 2013, 2 Vols..
ISBN: 978-989-8052-61-2

AAVV (Coord. Científica: FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; Coord. Editorial: GASPAS, Diogo e FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira) – **Guerra e Paz. A Ordem de Santiago em Portugal**. Lisboa: Museu da Presidência da República / Município de Palmela, 2015
ISBN: 978-989-689-533-4

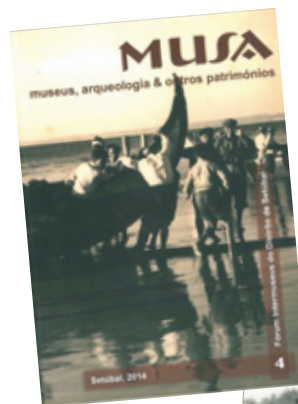
AAVV (Coord. AYALA MARTÍNEZ, Carlos de e FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira), **Cristãos contra Muçulmanos na Idade Média Peninsular: bases ideológicas e doutrinárias de um confronto (Sécs. X-XIV) / Cristianos contra Musulmanes en la Edad Media Peninsular: bases ideológicas y doctrinales de una confrontación (SS. X-XIV)**, Lisboa, Edições Colibri / Universidad Autónoma de Madrid, 2015
ISBN: 978-989-689-525-9

MUSEU MUNICIPAL DE PALMELA

AAVV (Coord. Editorial: SOARES, Joaquina) - **Musa: museus, arqueologia & outros patrimónios** - Setúbal: Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, Vol. 4, 2014
ISSN 1645-0553

AAVV (Dir.: NASCIMENTO, Paulo; Coord.: REGO, Miguel) **Cadernos do museu** - publicação periódica do museu de Castro Verde, n.º 1 - Castro Verde: Câmara Municipal de Castro Verde, 2015
ISSN 2183-4547

AAVV (Coord. Científica: SAMPAIO, Teresa; Investigação: SAMPAIO, Teresa e RABÃO, Lúcio; Coord. Editorial: ALEXANDRE, José) – **Caminhos que convergem: o município de Palmela e os seus Bombeiros Voluntários**. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2015
ISBN: 978-972-8497-66-8



SUMÁRIO

- 1 | Editorial
- 2 | Em investigação... Centro Histórico de Palmela: a imaterialidade da matéria
- 8 | Património Local... Histórias de Palmela: publicações da Academia dos Saberes
- 9 | Do Serviço Educativo... «Literacia das Emoções», uma parceria entre o Museu Municipal de Palmela e o Agrupamento de Escolas José Saramago
- 11 | Património concelhio em documentos... Xavier Santana e a modernidade da empresa no cálculo automático
- 13 | Nos bastidores... Ser Voluntário no Museu Municipal de Palmela
- 14 | Sites a consultar... acerca do Património Cultural do concelho de Palmela
- 15 | Edições em destaque... no GEOS e no Museu Municipal - fundos documentais para consulta pública

CONTACTOS

Museu Municipal de Palmela / Divisão de Cultura, Desporto e Juventude (DCDJ)
Câmara Municipal de Palmela
Largo do Município, 2951-505 PALMELA
Telefone: 212 336 640 | Fax: 212 336 641 | e-mail: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal de Palmela | **Coordenação editorial:** Coordenação da área de Património Cultural da DCDJ/Museu Municipal | **Colaboram neste número:** Ana Cristina Ramos (Palimpsesto, Lda.), António Lameira, Eduardo Porfírio (Palimpsesto, Lda.), Isabel Inácio (Arqueohoje, Lda.), Maria Leonor Campos, Sandra Rodrigues dos Santos (Agrupamento de Escolas José Saramago), Teresa Sampaio

Design: Filipa Reis e Moura | **Impressão:** Regiset

Código de edição: 257/2016 (3000 exemplares)

ISBN: 927-8497-27-X | **Depósito legal:** 196394/03

Faz parte integrante deste número uma separata com dois artigos: Requalificação Urbana do Centro Histórico de Palmela e Parque Venâncio Ribeiro da Costa – o acompanhamento arqueológico. Acresce informação sobre o Espaço Cidadão, sito em Palmela.